

Funkgrandense¹

Caroline de Almeida Carvalho²

Ariane Cominetti³

Universidade de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

O presente trabalho apresenta o processo de construção da primeira edição do programa radiofônico *Funkgrandense*, elaborado sob orientação da professora Ariane Cominetti na disciplina de Laboratório de Radiojornalismo II do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O programa tem como objetivo desvendar o funk autoral produzido em Campo Grande (MS), tendo em vista que é um estilo musical ainda pouco apreciado na cidade em comparação a outros lugares do País. Nesta primeira edição, buscou-se explorar a origem do funk, tanto nacionalmente quanto regionalmente. Para isso foram ouvidos um empresário que organiza eventos de funk autoral e produz um programa radiofônico sobre o estilo, um cantor de música *funk* na cidade e uma fã do estilo musical.

PALAVRAS-CHAVE: Campo Grande; Funk; Programa radiofônico; Radiojornalismo;

1 INTRODUÇÃO

Funkgrandense é um programa especial de caráter educativo-cultural que tem como tema o *funk* autoral produzido na cidade de Campo Grande (MS). Ele foi produzido pelas alunas Caroline Carvalho, Nicolle Ignácio, Stefanny Veiga e Vivian Campos, para a disciplina de Laboratório de Radiojornalismo II, sob orientação da professora Ariane Cominetti. Na primeira edição, buscou-se explorar a origem do funk, tanto nacionalmente quanto regionalmente. Para isso, além da pesquisa sobre o surgimento do ritmo, foram ouvidos um empresário que organiza eventos de funk autoral na cidade e produz um programa radiofônico sobre o estilo, um cantor de música *funk* de Campo Grande e uma fã do estilo musical.

O *funk* é um gênero musical caracterizado por ritmo sincopado, graves fortes e com percussão (batida) marcante e muito dançante. O gênero musical foi criado no Rio de Janeiro no início da década de 1980, influenciado pela música negra dos Estados Unidos, ou seja, os ritmos criados pela população negra norte-americana, como o *Blues*, o *Soul* e o

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na categoria Rádio, Tv e Internet, modalidade Programa Laboratorial de áudio (avulso ou seriado).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: carol_c4rvalho@hotmail.com.

³ Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: arianecominetti@gmail.com.

Funk, que muitas vezes eram usados para o “movimento de direitos civis e para ‘conscientização’ dos negros norte-americanos” (VIANNA, 1988, p.15).

No entanto, Facina destaca que o *funk* brasileiro uniu o ritmo estadunidense com tradições musicais afro-brasileiras:

Não se trata, portanto, de uma importação de um ritmo estrangeiro, mas sim de uma releitura de um tipo de música ligada à diáspora africana. Desde seu início, mesmo cantado em inglês, o funk foi lido entre nós como música negra, mais próxima ao samba e aos batuques nacionais do que a um fenômeno musical alienígena. (FACINA, 2009, p.2)

Antes do *funk* brasileiro ser criado, o ritmo dos Estados Unidos era tocado em bailes da pesada, realizados nos anos 1970 no clube Canecão, localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro. As festas, organizadas na época pelo discotecário Ademir Lemos e o locutor de rádio Bigboy eram muito populares e atraíam cerca de 5 mil jovens de todos os bairros cariocas, todos os domingos. Depois de um tempo, esses bailes foram transferidos a clubes que ficavam nos subúrbios cariocas.

Em 1975 surgiu uma nova fase para o *funk* no Brasil, apelidada pela imprensa de “Black Rio”, e que era muito ligada ao movimento de orgulho negro e superação do racismo. Conforme Vianna, as festas organizadas pelo produtor e DJ Dom Filó, tinha uma pretensão didática de introdução a cultura negra⁴.

Enquanto o público estava dançando, eram projetados slides com cenas de filmes como *Wattstack* (semidocumentário de um festival norte-americano de música negra), *Shaft* (ficção bastante popular no início da década de 70, com atores negros nos papéis principais), além de retratos de músicos e esportistas negros nacionais ou internacionais. (VIANNA, 1988, p.21)

A partir de então, as gravadoras tentou se apropriar do fenômeno do *Soul* para transformá-lo em lucro, de olho em um nicho de mercado totalmente novo. Alguns álbuns com coletâneas dos maiores sucessos tocados nos bailes foram lançados nessa época. Porém, quando o ritmo deixa de ser novidade, as gravadores abandonam o *Soul* e o *Funk* para investirem em outros ritmos, como o disco e, mais tarde, o rock. Nesse período, a Zona Sul e a Zona Norte se dividem quanto às preferências musicais e somente os subúrbios cariocas permanecem

⁴ A ideia surgiu quando Dom Filó organizou um espetáculo de teatro com a peça Orfeu da Conceição, de autoria de Vinicius de Moraes. A peça é uma releitura do mito grego de Orfeu, adaptado para a realidade dos negros e das favelas do Rio de Janeiro. Porém, no evento organizado por Dom Filó, praticamente nenhum negro foi. A partir de então, ele decidiu fazer um trabalho de cultura voltado especificamente para a juventude negra e com os objetivos citados acima.

fiéis à música negra estadunidense. Porém, já atraíam um público diferente e houve um quase desaparecimento da temática ligada ao orgulho negro.

Surge aí o *funk* efetivamente brasileiro, em um primeiro momento influenciado por um novo ritmo da Flórida: o Miami Bass, que tem como características as batidas mais rápidas e a melodia mais erotizada. Com o tempo, o *funk* sofreu diversas alterações e se segmentou em vários subgêneros. O *funk* nacionalizou-se e obteve identidades próprias em outras regiões do país, como em São Paulo, cunhado de ostentação.

O programa *Funkgrandense*, em sua primeira edição, buscou narrar um pouco essa história do gênero musical que se tornou um dos maiores fenômenos de massa do país, até chegar ao *funk* produzido especificamente em Campo Grande (MS). Foi utilizada o gênero radiofônico educativo-cultural no formato programa temático, ou seja, voltado para a discussão em tudo que envolve a área do *funk* em Campo Grande.

2 OBJETIVO

2.1. Objetivo Geral:

Produzir um programa radiofônico sobre o *funk* em Campo Grande, seguindo as características do formato e as orientações passadas na disciplina Laboratório de Radiojornalismo II.

2.2. Objetivos específicos:

- Apurar, redigir e fazer locução de um programa radiofônico;
- Exercitar a prática jornalística, utilizando técnicas de pesquisa, entrevista, texto e edição jornalística;
- Seguir os princípios éticos jornalísticos, com o compromisso de relatar a veracidade dos fatos e visando o interesse público;
- Pensar e criar esteticamente a edição do programa radiofônico, com a utilização de músicas, vinhetas e diversos elementos sonoros, de forma a aumentar o impacto das palavras e reconstituir ambientes;
- Pensar criticamente o universo do *funk* brasileiro;
- Identificar o processo de formação do *funk* brasileiro e sua relação com os subúrbios cariocas;
- Descobrir como o *funk* do Rio de Janeiro e de São Paulo influenciam o *funk* campo-grandense;

- Conhecer os lugares que abrem espaço para este estilo musical em Campo Grande, assim como os MC's, os organizadores e frequentadores destes eventos.

3. JUSTIFICATIVA

O rádio é um dos veículos de maior inserção na sociedade e por isso um ótimo meio para as manifestações culturais diversas nela existentes. Logo, a produção de um programa radiofônico sobre o *funk* em Campo Grande se faz interessante não apenas por se tratar de um ritmo musical, mas também pelo grande potencial difusor tão característico do veículo.

A escolha do tema se deu após a constatação de que mesmo em uma capital onde se prevalece a música sertaneja e variações de ritmos dos países de fronteira, o gênero musical do *funk* ainda se faz presente, com diversos compositores, dançarinos e produtores. O pontapé inicial para a produção do programa foi verificar como este estilo musical, considerado 'local' no estado do Rio de Janeiro se relaciona e se modifica com a realidade de Mato Grosso do Sul.

Para Hall (2006, apud ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2015) um dos efeitos da globalização são “as transformações identitárias que agora ocorrem de modo mais rápido, intenso e múltiplo porque estão ‘desalojadas’ dos seus tempos e lugares, histórias e tradições, intermediadas pela mídia”. Segundo o autor, a difusão do consumismo cria uma espécie de supermercado cultural, “onde estamos sempre diante de prateleiras cheias de manifestações e identidades culturais que podemos escolher de acordo com as nossas identificações, possibilidades e interesses”. Dessa forma, o *funk* adquire um caráter global e não mais local, sendo apropriado pelos mais variados lugares, incluindo Campo Grande.

Além disso, esse estilo musical sempre foi visto com muito preconceito, sendo muitas vezes considerado um ritmo inferior aos outros, com letras e melodias pobres. O *funk* também foi e ainda é constantemente acusado de estar ligado ao crime. De acordo com Herschmann (2000, apud FACINA, 2009), o *funk*, é por um lado, “assimilado por amplas camadas da população, sobretudo jovens de camadas médias, enquanto produto a ser consumido e usufruído”. Mas por outro, “há a estigmatização do estilo de vida e da origem social dos artistas e consumidores preferenciais dessa música, reunidos sob o rótulo de funkeiros”.

Desse modo, o programa *Funkgrandense* foi proposto. a partir da necessidade de olhar não só o ritmo, mas também os manifestantes dessa cultura, com um olhar mais apurado, com maior humanização; de compreender os motivos que os levam a produzir e/ou consumir

este tipo de música ou mesmo investir nesse segmento musical; de encontrar o significado que o ritmo *funk* tem para essas pessoas e/ou comunidades; de conhecer os ambientes nos quais o *funk* tem espaço em Campo Grande; e de expor e compreender as possíveis modificações advindas da realidade local.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Em um primeiro momento, a ideia do programa surgiu pelo desafio de produzir um programa radiofônico no formato de documentário, em uma atividade proposta em sala de aula. A primeira etapa para a produção do *Funkgrandense* foi a elaboração da pauta, onde as alunas puderam definir a angulação do programa, os objetivos, as fontes a serem consultadas e os locais a serem visitados.

A produção do *Funkgrandense* demandou uma revisão bibliográfica sobre a produção para o veículo rádio, sobre o radiojornalismo, linguagem radiofônica, jornalismo cultural e características do radiodocumentário. Além disso, também se fez necessária revisão bibliográfica sobre o tema: o estilo musical *funk*, manifestações culturais periféricas e identidade cultural da capital sul-mato-grossense. A partir destas leituras, foi feito um planejamento inicial sobre a formatação do conteúdo, a estrutura a ser seguida no roteiro e os recursos sonoros que seriam utilizados.

Para a captação dos materiais procedemos, então, a uma série de entrevistas, buscando sempre a perspectiva humanizada, ou seja, “entrevistas abertas que mergulham no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 1990, p. 18). As entrevistas foram executadas de maneira espontânea, buscando a fluência natural da conversa entre duas pessoas e com o cuidado de não se limitar a perguntas fechadas e assim deixando o entrevistado discorrer livremente sobre os temas.

O grupo também utilizou o recurso de observação direta. As estudantes visitaram *in loco* os bailes *funks*, um estúdio de gravação de músicas utilizado pelos cantores deste estilo musical e um estúdio de rádio durante a transmissão ao vivo do programa “*I Love Funk*”⁵, o primeiro de Mato Grosso do Sul sobre o gênero.

⁵ O programa *I Love Funk* vai ao ar todo o sábado das 15h às 17h na Educativa FM 104,7. O programa é apresentado pelo produtor Jean Adrian Telles Medina, também conhecido como Jean Paçoca. A Educativa 104, fundada em 1994, é uma emissora pública de caráter educativo, ligada ao Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Desde a última troca de governador, no início de 2015, a emissora sofreu uma série de modificações, sendo uma delas na grade de programação. Foi quando o programa de Jean Paçoca foi criado. Cabe ressaltar que Jean tem vínculo direto com o atual Governador do Estado, Reinaldo Azambuja (PSDB), sendo o responsável por criar o *jingle* de sua campanha. Sobra a pergunta: será que se não fosse por isso o funk de Campo Grande teria a visibilidade que tem hoje?

Nesse momento, foi gravado o som ambiente destes locais, para utilização na íntegra na composição de paisagens sonoras e também para a criação de efeitos e fundos musicais. De acordo com McLeish (2001, p.146), “os efeitos, ou, na verdade, os ruídos de um programa de variedades podem constituir um enorme acréscimo àquilo que de outra maneira seria uma sucessão de matérias faladas. Elas avivam a memória e criam imagens”.

Após a coleta de dados, as entrevistas com as fontes foram decupadas e analisadas para a então elaboração o roteiro. A principal decisão estrutural foi em relação à utilização ou não da narração, tendo em vista que uma das características do radiodocumentário é a condução da narrativa pelos próprios personagens. Segundo McLeish (2001, p.193), a tarefa do narrador deve ser de “*vincular e não interromper*”,⁶ ou seja, o narrador deve apenas interligar as falas dos personagens, com o cuidado de não cessá-las. Ele acrescenta:

Muito provavelmente não haverá a necessidade de usar a narrativa entre cada contribuição. Há estilos de documentário que não fazem uso de *links*. Cada matéria flui naturalmente numa sequência, apontando para frente, numa sobreposição inteligível. Isso não é fácil, mas em geral cria uma atmosfera mais emocionante. (Ibidem, p.193-194).

O grupo decidiu seguir o modelo de radiodocumentário com o uso de narrador, tendo em vista que era preciso contextualizar a origem do *funk* a nível nacional, antes de dar o enfoque regional. Cabe lembrar que tanto o *funk* do Rio de Janeiro quanto o *funk* de São Paulo exercem influência direta sobre a produção musical dos MC’s de Campo Grande.

Ainda durante a elaboração do roteiro, fez-se importante mesclar a narração e até mesmo as sonoras dos personagens com músicas (gravadas em estúdio ou executadas ao vivo), bem como outros ruídos, que serviram para dar uma dinâmica maior ao programa e realçar o que foi dito. Para isso, foram utilizadas músicas que se relacionam diretamente com o tema, de artistas nacionais, regionais e internacionais⁷.

Durante a produção do que inicialmente seria um documentário, percebeu-se a riqueza do material captado e justamente a possibilidade e importância de dar maior visibilidade ao tema, com uma maior disponibilização de tempo no ar. Assim, após uma conversa com a professora da disciplina, o material foi transformado em um programa radiofônico, com a perspectiva de uma maior exploração do assunto e do material em mais edições. O grupo

⁶ Grifo do autor

⁷ Mesmo que o programa tenha como tema um estilo musical criado no Brasil, foi utilizada uma música internacional para mostrar a relação do *funk* brasileiro com o *funk* norte-americano, criado na década de 1960. A música escolhida foi “I Got You (I Feel Good)”, gravada em 1965 pelo artista James Brown, considerado um dos percussores desse estilo musical.

procedeu então a adequações no roteiro, uma vez que, segundo McLeish (2001, p.191), no programa especial “a amplitude do material relativo ao tema é maior do que no documentário, já que abrange até o abstrato”.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

5.1 Nome

Procuramos por um nome que fosse simples e memorável ao cidadão comum, mas que ao mesmo tempo fosse de forte identidade cultural. A ideia era criar um título que deixasse clara a nossa proposta de apresentar/caracterizar o *funk* autoral produzido na cidade de Campo Grande (MS). Chegamos então ao nome *Funkgrandense*, oriundo da junção do tema do programa, no caso o estilo musical *funk*, acrescentado do “grandense”, denominação de quem nasceu na cidade. A sonoridade ficou muito boa e concordamos que o termo escolhido seria de fácil compreensão do assunto tratado.

5.2 Formato

O formato escolhido foi o de Programa Temático, com várias edições para o desenvolvimento do universo do *funk* em Campo Grande, sob variados ângulos. Cada edição deve ter em média 15 minutos, dividido em dois blocos de aproximadamente sete minutos cada. Durante cada edição, serão combinados elementos como a narração, entrevistas, músicas e sons colhidos em ambientes-chaves sobre a temática tratada naquela edição. Cada edição focará no desdobramento de algum subtema, de maneira a entreter o ouvinte e estimulá-lo a procurar mais sobre o assunto, e não deve recair em matérias factuais, de maneira a estimular e entreter o ouvinte.

5.3 Vinhetas

Para a vinheta, foi selecionada para fundo musical uma base de *funk* que caracteriza bem a ‘batida’ do gênero, definindo assim uma marca auditiva forte e identitária, com breve apresentação sobre o conteúdo do programa. Optamos por manter a vinheta fixa no início de todas as edições do programa e na ida e volta dos intervalos, com o intuito de reforçar o tema tratado e ambientar o ouvinte no que ele está escutando e sobre o que se trata.

5.4 Personagens

Foram entrevistadas três pessoas: o empresário Jean Medina, que foi o primeiro a organizar eventos de *funk* autoral no estado de Mato Grosso do Sul, atividade que faz até hoje, atualmente, ele também apresenta um programa semanal de rádio sobre o estilo musical; o compositor Lucas Gabriel Peruzzo Fernandes, conhecido pelo nome artístico de MC Peruzzo, que se tornou MC há cerca de três anos e já possui diversas músicas e clipes gravados; e a fã e frequentadora assídua de clubes onde se toca *funk* em Campo Grande, Thalita Borges, selecionada aleatoriamente pelo grupo ao visitar o clube Macalé⁸; As fontes foram importantes para o desenvolvimento da proposta do primeiro programa, que era a de uma apresentação inicial sobre a história do *funk* no Brasil e em Campo Grande. .

6 CONSIDERAÇÕES

Produzir o programa *Funkgrandense* foi uma experiência muito rica para o grupo, no que tange a um maior conhecimento das características do formato radiofônico escolhido, dos métodos e processos, e do próprio conhecimento sobre o tema trabalhado. Ao escolhermos tratar de um estilo musical tão estigmatizado pela sociedade, foi exigido de nós muito mais do que técnicas jornalísticas e conhecimento em produção para rádio. Foi preciso sensibilidade para ouvir as histórias dos personagens, suas motivações e objetivos para com o *funk*, suas trajetórias, dificuldades e conquistas. E principalmente foi preciso coragem para romper com os próprios preconceitos e apresentar esse conteúdo da maneira mais honesta possível, descarregada de rótulos e de julgamentos.

O programa contribuiu muito para o crescimento acadêmico das alunas envolvidas, que em um só trabalho puderam se envolver com dois diferentes formatos. As estudantes puderam exercitar a produção, a redação, locução e edição de um programa especial radiofônico. Ao reconhecermos o caráter aberto do tema e os caminhos propostos advindos da primeira edição do *Funkgrandense*, vimos a oportunidade de trabalhar o *funk* em Campo Grande sob outros ângulos, em outras edições do programa. Com uma duração definida da disciplina e o término do semestre, porém, não foi possível a produção de outras edições.

Mesmo assim, ao perceber a grande demanda pelo material por parte da comunidade que produz e consome o *funk* em Campo Grande, o grupo decidiu dar continuidade ao trabalho com a produção de um vídeodocumentário sobre o tema de maneira independente. Considerando as potencialidades da web para divulgação de conteúdo a milhões de

⁸ Casa de shows que, embora não seja específica voltada a shows de *funk*, é um dos poucos locais da cidade que abrem espaço para este segmento. Fica na Avenida Presidente Ernesto Geisel, nº 3405 – Campo Grande (MS)

usuários, o vídeo será lançado na plataforma virtual YouTubeTM⁹. A data de lançamento ainda não foi definida.

O programa de rádio *Funkgrandense*, portanto, é apenas uma parcela de um trabalho muito mais amplo, mas sem dúvida nenhuma, carrega uma bagagem riquíssima para as alunas de elaboração, produção e montagem de produtos radiofônicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, E.C.; OLIVEIRA, R.B.; “**Alô, alô, marciano, aqui quem fala é da Terra**”: reflexões sobre o rádio local nos tempos da globalização. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, XXXVIII, 2015, Rio de Janeiro – RJ, Anais... Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

COMINETI, A. **Repórter 104**: a apresentação da informação noticiosa na emissora educativa de Mato Grosso do Sul. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Intercom, XVII, 2015, Campo Grande – MS, Anais... Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2015.

FACINA, A. “**Não me bate doutor**”: Funk e criminalização da pobreza. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – Enecult, V, 2009, Salvador – BA, Anais... Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

HAUSSEN, F.D. **Rádio brasileiro**: uma história de cultura, política e integração. In: BARBOSA FILHO, PIOVESAN E BENETON (orgs.). *Rádio: sintonia do futuro*. São Paulo, Paulinas, 2004, p:51-62

MCLEISH, R. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1990

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

VIANNA, H. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988

⁹ YouTube é um site que permite que os seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Disponível no endereço: <<https://www.youtube.com/>>